



GT 046. Música, Som e Formas Expressivas

Wagner Neves Diniz Chaves (Departamento de Antropologia Cultural/UFRJ) - Coordenador/a, João Miguel Manzollilo Sautchuk (DAN/UnB) - Coordenador/a

Expressiva, comunicacional e performativa, aglutinadora de múltiplos conhecimentos, significados e agenciamentos, a música é um campo fértil para investigação antropológica de um conjunto de temas e questões, possibilitando o diálogo entre diferentes nichos dos debates antropológicos, tais quais etnomusicologia, etnologia indígena, cultura popular, patrimônio, antropologia urbana, antropologia do Estado e análise de rituais e performances. Apostando na relativização da noção de música como categoria analítica e partindo da superação do antigo dilema que apartava análise dos aspectos sonoros e interpretação dos sistemas de pensamento e ação, este Grupo de Trabalho volta a atenção para as conexões entre múltiplos aspectos das práticas musicais e produções sonoras e seus significados sociais, principalmente as relações da música com outros meios expressivos e práticas sociais, e as dimensões técnicas e práticas do fazer musical. Tendo em vista esta perspectiva geral, pretende-se explorar os seguintes eixos temáticos: 1) música e linguagem; 2) interação no fazer musical; 3) teorias musicais nativas; 4) música, ritual e performance; 5) mediação, apropriação e identidade; 6) gravação, representação fonográfica e arquivos; 7) paisagem sonora.

Pep-cahàc jô amji kí: performances de guerra e paz que entrelaçam antigos inimigos

Autoria: Lígia Raquel Rodrigues Soares, GIRALDIN, Odair

A relação entre rituais e guerras é comum entre os povos indígenas no Brasil, como apontam Menezes Bastos (2013) e Perrone-Moisés (2015). Estudos sobre esse tema mostram riqueza etnográfica e chave para entendimento dos povos indígenas em suas relações, alianças e políticas internas e externas. Neste paper enfocaremos três momentos que perfazem o ritual do Pep-cahàc entre os Ràmkkâmëkra/Canela (povos Timbira do Brasil Central) e que conectam rituais, guerras e chefias. O primeiro é o Apê craw-crawre, performance na qual os participantes se posicionam em duas fileiras, uma em frente a outra, empunhando varas seguradas horizontalmente. As varas são levantadas acima da cabeça e abaixadas na altura do joelho, ao som do canto do Apê craw-crawre, enquanto andam pela rua radial da aldeia. A performance musical se inicia em clima de euforia, com muito barulho e uma encenação de enfrentamento. Nesse tom ameaçador, criando-se um ambiente propício à performance de confronto de inimigos, "como uma guerra", entra em cena o kí cunëa mẽ hõ pahhi. Literalmente "chefe de todas as aldeias", ele caminha entre as duas fileiras, separando-as e apaziguando os ânimos pois é considerado um embaixador atuando para evitar brigas, acalmar os ânimos e evitar o enfrentamento, pois todos o respeitam. O segundo momento é o que trata da instituição e da atuação dos chefes honorários Tamhàc. Eles são chefes cerimoniais que representam os diferentes povos que constituem os atuais Ràmkkâmëkra/Canela, com performance principal durante o Pep-cahàc no qual, após serem ornamentados, distribuem alimentos entre os seus representados com execução dos cantos específicos (Pocpoc). Essa chefia confirma e reforça o mosaico de povos (aliados e inimigos no passado). O terceiro momento é a performance do "veado cansado" executada ao final do Pep-cahàc pelos rapazes que estão prestes a finalizar a sua reclusão. No ritual do Pep-cahàc consideramos que tais momentos nutrem antigas alianças estabelecidas no passado, quando da junção dos vários povos numa mesma aldeia (Crocker, 1978), sendo uma forma de lembrar, enfatizar e renovar tais alianças com antigos inimigos que hoje vivem juntos. Nessa chave da performance e renovação alguns pontos merecem ser destacados: o respeito e o prestígio dos chefes; a solidariedade entre o chefe honorário e seu grupo ao qual ele é liderança; a reciprocidade entre aqueles que fazem parte de seu povo. As performances são também renovações de um contrato de prestações e contraprestações que se estabelecem entre esses diferentes povos, antigos



inimigos e, hoje, aliados. Antes encenadas pelos inimigos em combate, hoje fazem parte do cotidiano implicando em trocas de amabilidades, banquetes, serviços, mulheres, sementes.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**